



Presidência da República
Casa Civil
Secretaria de Administração
Diretoria de Gestão de Pessoas
Coordenação – Geral de Documentação e Informação
Coordenação de Biblioteca



19

Discurso na cerimônia de abertura da XXI Festa da Uva

CAXIAS DO SUL, RS, 23 DE FEVEREIRO DE 1996

Senhor Governador do Rio Grande do Sul, meu amigo Antônio Britto; Senhor Prefeito Municipal de Caxias, Mário Vanin; Senhor Presidente da Comissão Comunitária da Festa da Uva, Nestor Perini; Senhores Embaixadores da Itália e da Argentina; Senhor Ministro da Agricultura, Eduardo Vieira; Senhores Ministros de Estado que aqui nos acompanham; Altas Autoridades estaduais; Presidente da Assembléia; Presidente do Tribunal; Senhor Líder do Governo, Germano Rigotto; Autoridades Eclesiásticas aqui presentes; Senhoras e Senhores;

Assisti, aqui, em Caxias, nesta tarde, a esta solenidade que tem um sentido simbólico muito forte: já são 120 anos de colonização italiana e de fazer essa parte da nossa América. Ouvir o discurso que ouvi – depois de ter estado, nesta manhã, inaugurando a nova fase do pólo petroquímico da Copesul, em Canoas – me anima. Há muitas razões para isso.

O Governador Antonio Britto acaba de citar o Duque de Caxias. Pois bem, em outros momentos da minha vida, quando tinha tempo suficiente para me enroscar em tempos antigos, nas bibliotecas, foi

numa das bibliotecas aqui do Rio Grande do Sul que tive o prazer de ler os relatórios do então Governador da Província do Rio Grande do Sul, que veio a ser, mais tarde, o Duque de Caxias, mas ainda não era duque. E uma das observações do Duque de Caxias, num admirável relatório da sua presença aqui, como Ministro da Guerra, marcou muito. Ele se dirigia ao povo do Rio Grande do Sul e ao Imperador e dizia: “Eu sou o comandante das tropas. Mas, aqui, no Sul, para poder realmente exercer o comando” – e não são essas as palavras, são aproximadas – “tenho que comandar a sociedade: preciso ser também o governador.” E ele foi o governador e comandante das tropas. E percebeu que, se não houvesse a união do Estado com a sociedade, ele não poderia levar a bom termo a sua luta.

Aqui estamos assistindo a um exemplo extraordinário de uma sociedade que se modificou, que se renovou, que tem essa força imensa e que, hoje, é dirigida por um Governador capaz de dizer o que acabou de dizer aqui, de pedir ao Presidente da República que não esmoreça ao dizer um “não”, quando, em geral, no passado, todos queriam ouvir do Presidente “sim”.

E o Governador, consciente da importância – ele como Governador de uma sociedade que fez Caxias, o Duque e a cidade, que foi capaz de absorver o que havia de melhor da presença italiana, que foi capaz de transformar, pelo trabalho, uma terra que, então, não dispunha dos meios sequer para sustentar de forma condigna os seus filhos – desta cidade maravilhosa, que, hoje, tem uma renda *per capita* igual ao dobro da renda do Brasil, mais de US\$ 8 mil, o Governador, ao perceber tudo isso, pede claramente que nós continuemos as reformas.

Não pode haver inspiração melhor para um Presidente que se dedicou inteiramente a promover as reformas do Brasil e que disse sempre que reforma não é um ato isolado, é um processo, não é alguma coisa que se fará num dia e depois se esquece. Mas, enquanto eu for Presidente, lutarei por continuar a modificar, a transformar, a dar origem ao emergente e ao novo.

Só isso já valeu a vinda aqui. Só perceber que, aqui nesta terra do Rio Grande, aqui em Caxias, povo e Governador, unidos, desejam a

mesma coisa – modificar para que seja possível ter um Brasil cada vez melhor, mais progressista e mais forte – já compensa. Mas não basta só isso. São 120 anos. Cento e vinte anos que, para nós, são um exemplo. Nós temos, neste país, uma riqueza extraordinária, que, hoje, é valorizada no mundo. Somos desses poucos países que foram capazes de permitir a convivência entre culturas diferentes, origens nacionais – e, às vezes, raciais – diferentes. Essa convivência não levou nem à desintegração das raízes mais profundas de cada um daqueles que contribuíram para a formação da nacionalidade, nem à separação entre elas. Convivem, se diferenciam, se marcam e continuam permitindo uma espécie de flexibilidade cultural, que é o que marca, caracteristicamente, o nosso país, o nosso Brasil.

Somos um país que – ao mesmo tempo em que diz “não”, que tem força, que trabalha, que modifica – sabe que é preciso entender o outro, ter tolerância para com as diferenças, negociar, ser democrático. Reformar não é impor. É convencer, é fazer com que, através do diálogo, do exemplo, se ganhe força para que a transformação avance.

Isso foi o que fez este Estado do Rio Grande do Sul: alemães, italianos, negros, espanhóis, portugueses – cada um com sua marca, cada um com sua feição própria, sem que se desfizessem uns dos outros, mantendo as diferenças, mas diferenças que, mais tarde, formam um todo muito mais forte que cada uma das partes, que permite que todos possamos nos reconhecer com simplicidade como brasileiros, como irmãos. E brasileiros que têm ainda a vantagem de haverem herdado dessas raças que vieram para cá, que nos trouxeram tanta energia, a beleza hoje simbolizada aqui pela rainha e pelas princesas e que expressa muito bem o sentimento de todos nós que amamos a beleza, porque faz parte da cultura da civilização o distinguir o que é belo. Aqui, no Rio Grande do Sul, se encontra isso, essa beleza de maneira extraordinária, que quero saudar também. Ao saudá-las, quero cumprimentar a mulher gaúcha, que sempre se destacou, também, no Brasil com sua presença forte, altiva e capaz de suscitar cada vez mais progresso, cada vez mais confiança no futuro.

Senhor Governador, Senhores Ministros, Senhores Deputados, Senhoras Senadoras, Senhoras e Senhores, não é fácil transformar o Brasil, mas estamos transformando-o. Não sou eu, não é o Presidente, não são os Ministros, não é o Governo, não é o Estado. A sociedade está se transformando. E essa transformação, já o disse bem, há pouco, o Governador, não se obtém de imediato, não se obtém simplesmente ao fazer concessões. Ela se obtém racionalmente, organizando, definindo objetivos, avançando.

Nós estamos há um ano no Governo. Não foi possível, ainda, fazer para o Rio Grande do Sul tudo o que eu gostaria de ter feito. Mas algumas marcas já começamos a deixar. Já começamos a mostrar que o Rio Grande do Sul, hoje, é um pedaço do Brasil que faz parte deste país. Não é um pedaço do Brasil lá esquecido nos rincões do Sul. Não! É uma parte central de um Brasil novo, de um Brasil que crê em si e que se transforma.

A inauguração dessa nova fase da petroquímica hoje de manhã dá mostras claríssimas disso. Alguns bilhões de reais, um bilhão e qualquer coisa de reais para que isso possa se verificar. É pouco? É pouco, mas está se começando a fazer.

Aqui mesmo, nesta cidade, o Ministro dos Transportes me avivou a memória de que a BR-116 foi duplicada ainda agora. É pouco, mas vamos continuar fazendo. Vamos continuar fazendo com a BR-386: também mencionei, esta manhã, que faríamos a conservação de quase ela toda e a duplicação de partes importantes dessa mesma estrada.

O porto do Rio Grande, que durante todo o tempo foi famoso pelo calado dos navios que nele penetram, mas, de alguma maneira, aquém de suas potencialidades, hoje está integrado num futuro muito promissor, graças à ação enérgica do Governador do Estado e dos ministros, especialmente do Ministro dos Transportes, que se dedicaram a viabilizar a modernização desse porto, não só com a dragagem, mas com os móveis adequados. E também, mais adiante, com a modificação das relações de trabalho nos portos – difícil; a reação corporativa sempre é muito forte nessas áreas. Mas quem tem convicção, quem sabe o que é necessário fazer, quem sabe que, se

disser "sim", hoje, ao corporativismo, estará obrigando as gerações futuras a pagarem um preço muito alto, então diz "não". Ah, quem tem essa convicção ganha. E nós vamos ganhar juntos a transformação desses portos, portos que permitam baixar efetivamente o custo Brasil. Ninguém duvide. Isso não será feito às expensas, às custas do trabalhador. Não! O trabalhador viverá melhor no dia em que o Brasil, como agora, começar a ter melhores possibilidades efetivas de crescimento econômico. Ele não vive melhor quando alguns pequenos grupos encastelados no Estado dão vantagens extraordinárias. É muito pouco, e a imensa maioria fica à margem e não tem nem esperança de um futuro condigno.

Só ficará melhor o trabalhador, realmente, quando percebermos que é o conjunto que está mudando e está oferecendo mais postos de trabalho.

Por falar em postos de trabalho, especialmente aqui nesta região, na região da uva, na região de Caxias, uma cidade industrializada, da pequena indústria, da microempresa, eu sei das dificuldades. O que fizemos foi pouco, mas é um sinal de que vamos continuar fazendo o que fizemos com relação ao pequeno agricultor, à agricultura familiar, aos sem-terra, naquilo que têm de justo, não os das ocupações injustas, que apenas paralisam a administração e são um sinal de deterioração do Estado, que eu não aceito. Mas a transformação efetiva, correta, o acesso correto à terra é justo, e, ordenadamente, vamos fazê-lo. Nenhum Governo até hoje distribuiu mais terras e assentou mais gente do que o meu Governo, no ano passado. E, este ano, vou bater o recorde do ano passado, não porque eu queira, mas porque o Brasil necessita. Não porque haja pressão; pode haver, mas, com ou sem, nós o faremos, porque o Brasil necessita.

Sabemos das dificuldades, sobretudo aqui na região da uva; sabemos da concorrência. O Ministro assinou uma portaria para resguardar da concorrência desleal o interesse do produtor. Há regras internacionais. É preciso esperar um certo prazo para que essa portaria tenha efeito, porque estamos submetidos a um sistema, na Or-

ganização Mundial de Comércio, que nos obriga a esse prazo. Mas a portaria já está feita.

Pela primeira vez, também, foi possível fazer EGF para os produtores de uva, o que dá uma certa perspectiva para esse setor, que é importante, porque emprega mão-de-obra.

Sabemos também – não tanto aqui, mas mais adiante na zona do Rio Grande do Sul – de algo que acontece com a plantação de trigo. Este ano, destinamos 300 milhões de reais ao financiamento, ao custeio da lavoura de trigo, porque queremos dobrar a produção de trigo deste ano em comparação com a do ano passado, apesar de todas as dificuldades sabidas da concorrência do trigo argentino. Mas, entre as concorrências e as necessidades de financiamento, etc., etc., existe uma coisa que é maior: a necessidade de dar trabalho ao brasileiro. E, a despeito de observações de que talvez não fosse economicamente vantajoso, o Governo decidiu que vai dobrar a produção de trigo este ano.

É pouco, mas está se fazendo, está se começando a transformar, e eu espero ter entre 2,5 a 3 milhões de toneladas de trigo colhidas, sobretudo da região do Rio Grande do Sul e no Paraná, este ano, para aumentar, dobrar a renda agrícola, porque nós precisamos compensar o enorme prejuízo que o setor agrícola teve em função de muitos fatores no ano passado.

Tudo isso depende, como foi dito pelo Dr. Perini, de que tenhamos uma condução da política econômica que faça com que as taxas de juros caiam. Como já caíram: se lerem o jornal de hoje, verão que a taxa de juros caiu ao nível mais baixo dos últimos 19 meses no mês de fevereiro, no mês em curso deste ano, no que diz respeito àquele setor dos juros que o Governo pode controlar, que é o juro do *overnight* nos títulos federais, chamado *overselic*.

Enfim, estamos criando condições para que o País volte à sua normalidade. Agora, nós sabemos que a reconstrução da economia gaúcha é muito importante, que é preciso reestruturá-la. E, para essa reestruturação, não basta o que já estamos fazendo – e o Governador Britto, melhor que ninguém –, a reestruturação do Estado, fi-

nanciamento para permitir a reestruturação do Estado, na questão dos telefones, na questão de Candiota, para a geração de energia; e por aí vai. É preciso mais do que isso. É preciso dar apoio direto ao produtor, sobretudo ao pequeno e ao microprodutor.

Para isso, contamos com dois instrumentos fundamentais. Um depende agora do Congresso, é a reforma tributária. Na reforma tributária, o Governo propôs que se isentassem de imposto os insumos agrícolas, o equipamento agrícola e as exportações agrícolas, e a cesta básica não tivesse mais o ICMS. Isso significaria realmente uma vantagem imensa, e significará. No momento oportuno, o Congresso Nacional não falhará com o Brasil, não com o Presidente da República.

Toda hora, leio nos jornais que o Presidente precisa fazer isso, fazer aquilo, para ter maioria. Não. Quem precisa fazer é o Congresso pelo Brasil. O Brasil espera do Congresso e o Congresso não vai falhar com o Brasil: vai tomar as medidas necessárias para que essas reformas ocorram, e ocorram em tempo oportuno. E a reforma tributária é passo essencial para garantir o dinamismo da nossa produção agrícola.

Há mais ainda. Tomei a decisão e comuniquei-a hoje ao governador Britto: no BNDES, vamos ter um recurso à disposição do Rio Grande do Sul da ordem de 200 milhões de reais para reestruturar as empresas. Isso é fundamental, sobretudo pensando na famosa metade sul do Rio Grande do Sul.

Vamos fazê-lo porque estamos conseguindo, agora, como ainda a semana passada, colocar títulos lá fora, como fez o BNDES, a 9% de juro ao ano. E isso porque o Brasil voltou a ter credibilidade. A moeda é forte e o Governo brasileiro é honrado, não diz uma coisa e faz outra, senão que segue o mesmo rumo, e isso já facilitou o financiamento externo, o qual será repassado aos produtores nacionais através desses mecanismos que estão sendo postos.

Tem mais ainda.

O Brasil precisa continuar exportando. E, para exportar, é preciso apoio eficaz, sobretudo no financiamento das exportações. Autorizei o Ministro do Planejamento, José Serra, e o Presidente do BNDES a

fazerem um financiamento, para começar, ao setor têxtil, mas eu vou estender o mesmo financiamento ao setor calçadista, que é aqui do Rio Grande do Sul, e, pouco a pouco, vamos organizando aqueles ramos do nosso sistema produtivo que precisam de apoio mais direto e mais claro do Governo Federal.

Senhor Governador, Senhores Ministros, Senhores Deputados, Senhoras e Senhoras.

Não estou aqui para dizer o que o Governo fez ou deixou de fazer. Estou apenas dando um pequeno sinal da nossa preocupação – que é sincera, legítima, que vem de dentro do meu coração – com o Rio Grande do Sul. Preocupação da qual, hoje eu digo, começo a ficar um pouco aliviado: ao vir aqui e ver de perto o que está acontecendo, ao olhar nos olhos das pessoas que aqui estão e ver a firmeza com que encaram o futuro. Com as palavras que ouvi aqui, com a confiança que tenho no Governador Britto e na sua capacidade – porque sou testemunha disso – de defender os interesses do Rio Grande do Sul lá em Brasília, não tenho hoje tanta preocupação: já tenho a certeza de que o Rio Grande do Sul vai para a frente.

Quero finalizar dizendo, aqui, em Caxias, que uma prova evidente disso eu a tive no Palácio da Alvorada, assistindo ao filme *O Quatrilho*, com aqueles que o fizeram. E, ao ver e ao rever, agora, essas casas, aqui, no caminho, aquelas casas simples dos primeiros povoadores daqui, ao ver aquela saga da ocupação dessas serras rio-grandenses e ao ver, também, que hoje temos gente com sensibilidade, com capacidade de introduzir tudo aquilo em uma pequena obra de arte que orgulha o Brasil pelo mundo afora, percebi que não tenho dúvidas: o Rio Grande do Sul irá para a frente e Caxias será seu símbolo.

Muito obrigado.